



Manual do professor

Dom Casmurro de Machado de Assis

Machado de Assis, Wellington Srbek

Ilustrações: José Aguiar

Elaborado por [Wellington Srbek](#)

Formado em História, mestre e doutor em Educação pela UFMG.
Criador, editor, pesquisador, tradutor e professor de quadrinhos.



Sumário

Introdução	3
Machado, seu tempo e sua obra	3
Algumas anotações críticas	5
Autores da versão em quadrinhos	6
A linguagem dos quadrinhos	6
Um romance em quadrinhos	8
Sugestões de atividades	10

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

Introdução

Olá, educadora / educador!

É com alegria que o Grupo Autêntica traz a você a versão em quadrinhos de um dos maiores clássicos da literatura brasileira. Nas páginas de *Dom Casmurro de Machado de Assis*, você encontrará uma cuidadosa e apaixonada adaptação da obra machadiana para a linguagem das HQs (a popular abreviação de “histórias em quadrinhos”). Uma recriação da obra literária, fiel ao texto original, mas que também explora as possibilidades oferecidas por uma forma de narrativa em que o diálogo entre palavras e desenhos cria uma dinâmica singular e incrivelmente atrativa para os jovens leitores e leitoras.

A seguir, você encontrará um material de suporte paradidático especialmente preparado para oferecer informações pré-leitura e apresentar opções complementares para a utilização de *Dom Casmurro de Machado de Assis* na pós-leitura em sala de aula. Partindo de uma apresentação do grande autor e de sua obra literária, bem como dos quadrinistas responsáveis pela versão em HQ, temos em seguida uma exposição dos elementos que constituem a linguagem dos quadrinhos e um detalhamento das características próprias dessa adaptação. Para concluir este guia paradidático, oferecemos algumas sugestões de atividades que você pode desenvolver com seus alunos.



Machado, seu tempo e sua obra

Filho de uma lavadeira de origem lusitana e de um pintor de paredes afrodescendente, Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839 na cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil imperial. Mulato e de família pobre, Machado cresceu numa sociedade em que a escravidão ainda existia e não havia garantias sociais para a maior parte da população. Acredita-se que era gago e que sofria de epilepsia, mas (embora não tenha sido muito assíduo na escola) o rapaz canhoto nascido numa periferia conseguiu superar as adversidades e logo se envolveu com o universo da escrita, esforçando-se inclusive para estudar outras línguas, como o francês.

A inteligência, a curiosidade e o esforço de Machado levaram-no a conseguir seu primeiro emprego como aprendiz de tipógrafo e revisor de textos, além de ver publicados seus primeiros poemas. O aspirante a escritor já frequentava os ambientes culturais do centro da capital, como a famosa Rua do Ouvidor, endereço de livrarias, jornais e cafés, pontos de encontro de jornalistas, escritores, poetas, artistas e intelectuais. Numa sociedade cuja elite buscava copiar as modas e jeitos de Paris (com longos vestidos, chapéus, casacos e cartolas), elegante mesmo era participar dos bailes imperiais ou frequentar a ópera. E foi para o teatro que Machado produziu alguns de seus trabalhos iniciais, embora começasse a ganhar destaque de fato por suas colaborações para jornais e revistas cariocas na segunda metade da década de 1850.

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

É no mesmo ambiente dos jornais e das revistas ilustradas, então os principais meios de comunicação de massa, que um nome começaria a se destacar na década de 1860. Nascido na região do Piemonte (da atual Itália), o caricaturista e ilustrador Angelo Agostini começou sua carreira em São Paulo, mudando-se depois para a capital do Império. Um dos pioneiros do desenho de humor no Brasil, ele foi também um dos precursores das histórias em quadrinhos no país, com sua série *As aventuras de Nhô Quim*, ou *Impressões de uma viagem à corte*. A crítica social e política foi um traço comum nas diversas publicações que lançou, tornando-se célebres suas caricaturas do Imperador Dom Pedro II.

Poemas, peças, crônicas, críticas e reportagens foram os primeiros textos publicados por Machado de Assis, enquanto seguia uma carreira ascendente no *Diário Oficial* do Império. A maior estabilidade financeira e a ascensão social ao longo da década de 1860 contribuíram para suas aspirações literárias, mas nenhum evento daquele período teve o mesmo significado e a importância de ter conhecido a irmã de um amigo poeta. Afinal, a cativante portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais imediatamente conquistou o coração do escritor, tornando-se o amor de sua vida, com quem se casou em novembro de 1869. Morando inicialmente no bairro do Catete, o casal depois se mudou para a rua Cosme Velho (que, com o tempo e sua crescente notoriedade literária, renderia a Machado o famoso apelido de “o bruxo do Cosme Velho”).

As décadas de 1870 e 1880 viram a real ascensão literária do autor, com contos e romances que se tornariam alguns dos mais importantes da literatura brasileira. Em obras como *A mão e a luva* e também em *Helena*, predominavam elementos do estilo literário Romantismo. Mas, já em 1881, Machado publicaria um de seus principais livros, considerado o romance que inaugurou no Brasil o estilo literário Realismo, o incomparável *Memórias póstumas de Brás Cubas*. No ano seguinte, outro triunfo literário com a novela (ou conto) *O alienista*. Chegando aos anos 1890, já nos tempos da Primeira República, viriam obras importantíssimas, como *Quincas Borba*, de 1891, e *Dom Casmurro*, de 1899, que o consagraram como o maior nome da literatura nacional de sua época.



Reprodução
da p. 22.

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

Ainda em 1897, um grupo de escritores, com grande apoio de Machado, fundou a Academia Brasileira de Letras, para a qual ele seria eleito presidente por unanimidade (função que ocupou pelos dez anos seguintes). Mas a morte de sua amada esposa Carolina, em 20 de outubro de 1904, foi um grande golpe para o bruxo das letras. Triste, doente e cada vez mais reservado, Machado continuou se dedicando à Academia e principalmente à literatura, publicando livros como *Memorial de Aires*, lançado no ano de sua morte. Licenciando-se do cargo na administração pública, ele veio a falecer em 29 de setembro de 1908, tendo sido reconhecido em vida (apesar daqueles que o antecederam) como o gênio inaugural da literatura brasileira. E entre seus muitos contos, crônicas, peças de teatro, livros de poema e romances, *Dom Casmurro* tem lugar de destaque, com seu reflexivo personagem-título e a fascinante Capitu.

Algumas anotações críticas

Costuma-se ressaltar o quanto a obra de Machado de Assis representa um retrato de sua época (a sociedade brasileira no Segundo Império e também nos primeiros anos da República). Um tempo anterior à eletricidade, com casas iluminadas pela luz bruxuleante das velas e lamparinas, ruas principais ponteadas por lâmpões a óleo de baleia e depois a gás. Por outro lado, críticos apontam o fato de que tal retrato é um tanto parcial, tendendo a enfocar a realidade das classes burguesas e oligárquicas na principal cidade do país no século XIX. Essa ressalva é válida quando consideramos que a maioria absoluta da população brasileira vivia no campo, e que mesmo nas maiores cidades (em processo de rápido crescimento e relativa modernização) as condições de vida para grande parte das pessoas era bastante precária.

De qualquer forma, mesmo considerando-se essas questões, a obra de Machado de Assis resiste à passagem do tempo e (passando pelas muitas variações de grafia em nossa língua) seu texto continua relevante, significativo e incomparável. Parte disso se deve inegavelmente à genialidade própria do autor, com sua capacidade de observação e representação da natureza humana através dos personagens que escreveu. Criador de figuras singulares (como Brás Cubas ou Quincas Borba) e dono de um estilo único (com “a pena da galhofa e a tinta da melancolia”), ele soube como poucos compor um texto com toques certos de humor e também revelações existenciais profundas. Isso já seria o bastante, mas Machado oferece a suas leitoras e a seus leitores ainda mais, seja nos jogos de palavras e na evocação de imagens, seja na intertextualidade com obras clássicas e na sua inovadora metalinguagem.



Reprodução da p. 13.

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

Todos esses elementos são apresentados, ressaltados, sublinhados e ilustrados na versão em quadrinhos *Dom Casmurro de Machado de Assis*. Uma HQ que, além de uma adaptação do romance original, é uma homenagem criativa a essa obra-prima de nossa literatura, que aborda de forma bela e envolvente a temática da construção da personalidade e história pessoal.

Autores da versão em quadrinhos

A adaptação *Dom Casmurro de Machado de Assis* foi produzida por dois renomados quadrinistas brasileiros: Wellington Srbek (roteirização) e José Aguiar (desenhos).



Wellington Srbek nasceu em Belo Horizonte (MG) em 1974, é criador, editor, pesquisador, tradutor e professor de quadrinhos. Formado em História, mestre e doutor em Educação pela UFMG (com pesquisas sobre a dimensão artística e formativa das HQs), é roteirista de obras autorais, edições infanto-juvenis e adaptações literárias. Ganhador de vários prêmios nacionais, entre seus trabalhos mais conhecidos estão o álbum *Estórias gerais* e a série Solar.



José Aguiar nasceu em Curitiba (PR) em 1975, é arte-educador formado pela FAP, roteirista, desenhista e editor de HQs premiado nacionalmente com o Troféu HQMIX. Entre seus trabalhos mais conhecidos estão as séries *Folheteen*, *Vigor Mortis Comics*, *Quadrinhofilia*, *Nada com coisa alguma* e *A infância do Brasil*, além dos volumes de *Ernie Adams* publicados na Europa.

A linguagem dos quadrinhos

Os quadrinhos são uma forma de narrativa visual moderna, originalmente associada aos meios impressos. Desenvolvidos na Europa, eles são resultado de séculos de experimentação artística realizada por ilustradores e caricaturistas. No Brasil, os quadrinhos surgiram na segunda metade do século XIX, ligados à caricatura, no espaço diversificado dos jornais ilustrados. A chamada “linguagem dos quadrinhos” apresenta duas estruturas comunicativas distintas: as “tirinhas” e as “histórias em quadrinhos” propriamente ditas. Vamos falar um pouco das especificidades de cada uma dessas estruturas.

Surgidas nos jornais, tradicionalmente as tirinhas seguem o padrão de uma sequência narrativa de três ou quatro quadros dispostos na horizontal, embora existam tirinhas com apenas um ou dois quadros. Estrutura comunicativa extremamente concisa, uma única tira (em seu restrito espaço físico) pode nos fazer “morrer de rir” ou até “questionar o sentido da vida”. A maioria das tiras se enquadra no gênero humorístico, embora muitas utilizem o riso para propor questões sociais, políticas e existenciais. O estilo de desenho predominante é o cartunístico (de formas sintéticas e arredondadas, com traços marcados).

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

Mas também existem tirinhas no estilo chamado acadêmico (que segue proporções mais naturalistas). História que se conta de uma vez, no espaço de uma única tira, ironicamente muitas dessas séries tendem a durar anos ou até décadas, enquanto público e autor mantiverem a paixão por seus personagens.

As histórias em quadrinhos, por sua vez, são estruturas comunicativas feitas na forma de uma ou mais páginas, sendo a página a unidade básica de leitura (pois nunca percebemos cognitivamente apenas “meia página” de uma HQ). Todos os elementos que constituem a página (número, formato e distribuição dos quadros, estilo de desenho, imagens em cor ou em P&B, presença ou não de texto escrito) influenciam no processo de leitura. Uma história em quadrinhos pode ter desde poucas páginas até dezenas de capítulos, pode vir numa única folha de papel ou em coleções com vários volumes. Os formatos das edições (horizontais, verticais, grandes, pequenos) variam de acordo com padrões gráficos e mercadológicos (revistas, gibizinhos, álbuns, livros). Já a temática e o estilo das HQs variam de acordo com o gênero (faroeste, infantil, terror, super-heróis etc.) e também com a intenção criativa dos autores.



Reprodução da p. 12.

Seja nas tirinhas ou nas HQs, a linguagem dos quadrinhos baseia-se numa sequência narrativa visual, em que imagem e texto interagem no espaço integrado da tira ou da página. Os estilos de desenho variam do mais estilizado ou sintético ao mais rebuscado ou padronizado, do cartunístico ao acadêmico, passando pelo caricatural e incorporando os mais diversos traços pessoais. As técnicas vão da tradicional tinta nanquim sobre papel, passando pelos pincéis de pintura, até as inovadoras tecnologias de colorização e composição por computador. O “texto” nos quadrinhos, além das palavras escritas em si, inclui o enredo que é narrado, variando de gênero para gênero, de autor para autor, de história para história. Os próprios textos escritos (legendas, balões e onomatopeias) são parte do visual dos quadrinhos, podendo os autores explorar esse fato como um elemento narrativo. Basicamente, a fusão de texto e imagem constitui a narrativa em quadrinhos, o elemento que torna essa arte única, e através do qual os autores podem sugerir o “clima” (de suspense, ação, sátira, sedução etc.) que desejam imprimir à leitura de sua história.

Assim, o conjunto formado pelo texto, pelo estilo de desenho, pelas técnicas empregadas e pelo ritmo narrativo constitui a obra em quadrinhos criada pelos autores, e sempre recriada por uma leitora ou um leitor a cada nova leitura.

A produção de uma HQ é um trabalho muito detalhado, mas bastante prazeroso. Chegou a vez então de conhecermos alguns dos principais detalhes da apaixonada versão em quadrinhos *Dom Casmurro de Machado de Assis*.

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

Um romance em quadrinhos

A adaptação de um texto literário para outra linguagem (o cinema, o teatro, a TV, os quadrinhos etc.) é uma recriação artística que não tem o objetivo de substituir o livro, mas em geral de homenageá-lo criando algo novo a partir das palavras escritas pelo autor original. Por questões de extensão e formatação da nova linguagem, escolhas são feitas numa adaptação, na qual deve-se buscar preservar os elementos e trechos mais significativos da obra original, sem se deixar de aproveitar as características próprias oferecidas pelo novo meio. O que define uma boa adaptação é justamente o diálogo entre as linguagens.

Não haveria sentido, na adaptação de um romance, por exemplo, manter todas as palavras do livro original. Afinal, muito do texto de um romance são descrições de cenários e personagens, o que na adaptação para um meio visual (como os quadrinhos) pode ser transposto para as imagens. O mesmo vale para algumas ações, que não precisam ser descritas em texto, podendo ser representadas através da sequência narrativa de quadros. Além disso, as legendas de texto cumprem o papel de contextualização e definição, enquanto os balões de fala possibilitam a dinâmica direta nos diálogos de personagens.

Dom Casmurro é um romance narrado por seu personagem-título. Um livro que se inicia com a explicação sobre a origem de seu título. E ele segue repleto de elementos da metalinguagem machadiana, em que o texto nos faz cientes de que estamos lendo um livro (fazendo até referências diretas ao “leitor”). Na verdade, é um livro sobre um livro que (ficcionalmente) é escrito enquanto o lemos. Um elemento metalinguístico valorizado na versão em quadrinhos, como no quadro em que a palavra “Dom” salta das páginas de um dicionário.

Mas *Dom Casmurro* é, sobretudo, um “livro de memórias”, a “autobiografia” de seu personagem-título. Um homem assombrado pelas alegrias e pelos remorsos de seu passado, que vai relembando os principais eventos de sua história pessoal. Uma narração que acontece a partir da perspectiva específica de Casmurro-Bentinho, protagonista e narrador, que através de suas palavras nos revela (às vezes não intencionalmente) as linhas da construção de sua personalidade (da ingenuidade do menino Bentinho à imaturidade do jovem Bento, até as inseguranças do adulto que se tornaria o solitário Casmurro).

Por se tratar de uma história pessoal (ainda que ficcional), a maior parte dela é dedicada aos

importantes anos de formação, na adolescência e na juventude de Bentinho. Têm papel central aí sua relação com a mãe, as conversas e aconselhamentos do agregado José Dias, a influência de todo o meio familiar, bem como de seu tempo de estudos no seminário, onde conhece seu amigo Escobar. Mas tem lugar ainda mais especial sua relação com Capitu, a também protagonista da obra (que até poderia ter seu nome como título).



Reprodução
da p. 4.

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

Uma das maiores personagens da literatura brasileira, Capitu é apresentada através das palavras ressentidas de Casmurro, mas também pelo olhar enamorado de Bentinho. Ela é a amiga da infância que se torna a paixão do adolescente, o amor do jovem, a esposa do homem e as saudades do velho Bento. Ela é a menina com “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, a irresistível jovem dos “olhos de ressaca”. Bela e inteligente, observadora e decidida, Capitu amadureceu antes de seu amigo e, em vários momentos, demonstra ter muito mais consciência das circunstâncias do que ele próprio.

Embora a parte que fale da vida adulta dos personagens chegue mais para o final do livro, uma questão específica tem dominado o imaginário popular há décadas: “Capitu traiu ou não Bentinho?”. Apesar de a narração de Casmurro, particularmente quando se refere ao filho Ezequiel, não deixar muitas dúvidas, vale lembrar que a história é contada de sua perspectiva dos acontecimentos (e Machado de Assis nunca escreveu um segundo livro “Capitu”, com a perspectiva dela). O fato é que o suposto adultério ficcional continua motivando acalorados debates, mas não deveria limitar nossa visão dessa grande obra.

Dom Casmurro e esta versão em quadrinhos vão muito além da questão sobre um caso extra-conjugal. A própria origem desse tema está num elemento de intertextualidade, quando a obra cita a peça *Otelo*, de William Shakespeare (uma fonte de inspiração de Machado de Assis para o romance). Há também a intertextualidade com o contexto histórico do Brasil no Segundo Império, além da própria geografia da cidade do Rio de Janeiro, que tem bairros e ruas citados ao longo das páginas. Esses elementos todos se fazem presentes na versão em HQ, que utiliza o visual em P&B para reforçar contrastes, ao mesmo tempo em que conjuga palavras e desenhos num resultado artístico singular.

Ao final (depois de percorrermos todo o caminho que levou do ingênuo menino ao velho ressentido), Casmurro nos propõe a questão que talvez exponha a verdadeira temática da obra: a Capitu mulher já estava presente na Capitu menina, “como a fruta dentro da casca”? (E o menino Bentinho já apresentava traços do Casmurro?). Ou seja, o que define a construção da personalidade e a história de uma pessoa são os fatos que lhe ocorrem ao longo da vida ou seria algum traço original da personalidade? São questões que a obra nos coloca e para as quais cada um de nós tem suas respostas, sendo tão presentes na vida dos jovens alunos que agora leem a HQ *Dom Casmurro de Machado de Assis*.



Reprodução da p. 24.

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

Sugestões de atividades

Após os alunos terem lido a versão em quadrinhos *Dom Casmurro de Machado de Assis*, temos uma grande variedade de atividades que podem ser desenvolvidas em sala de aula, explorando os elementos do clássico adaptado, bem como as possibilidades oferecidas pela linguagem dos quadrinhos.

Seguem aqui algumas sugestões de atividades:

1. Uma das características da versão em quadrinhos de *Dom Casmurro* é sua grande fidelidade ao texto de Machado de Assis. Com as atualizações de grafia dos sucessivos Acordos Ortográficos, as palavras nas páginas da HQ foram aquelas escritas pelo autor clássico, exceto por poucas substituições para termos mais acessíveis ao leitor de hoje. Assim, uma primeira atividade com seus alunos pode ser lhes perguntar sobre palavras ou frases que tenham causado estranhamento ou mesmo incompreensão durante a leitura, iniciando uma discussão com eles sobre que possíveis sentidos teriam aqueles termos.
2. Aprofundando a atividade de interpretação de texto, você pode escolher um trecho em específico do texto da HQ (repleto das evocações de imagens e metáforas criadas por Machado) para discutir com os alunos qual o sentido ou sentidos e especialmente como eles interpretam aquelas frases. Por exemplo, temos a famosa caracterização dos profundos “olhos de ressaca” de Capitu: o que os alunos entendem por essa imagem? Ou ainda, nos três últimos quadros da p. 13 da HQ, quando Bentinho e Capitu quase dão um primeiro beijo, o que os alunos entendem do texto: “Ficamos a olhar um para o outro. Em verdade, não falamos nada, o muro falou por nós. Padre futuro, estava assim diante dela como de um altar. Faltava dizer a missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua universal dos homens”: o que seria, para eles, esse “latim que ninguém aprende” e essa “língua universal”?
3. Versão em quadrinhos de um livro repleto de elementos metalinguísticos, *Dom Casmurro de Machado de Assis* também utiliza recursos da linguagem dos quadrinhos com efeito metalinguístico. Por exemplo, nos dois últimos quadros da p. 5 (em que temos primeiro a figura de Casmurro sentado num sofá e depois o mesmo enquadramento, porém com a figura em branco), estabelece-se um diálogo metalinguístico com o trecho de texto reproduzido: “e esta lacuna é tudo”. Como atividade, peça a seus alunos para apontar outros pontos em que a HQ utilizou recursos de metalinguagem, quando texto ou imagens explicitaram para eles que estavam lendo uma criação artístico-literária. (Outros exemplos: as p. 34, 41, 55 e 66, em que temos apenas um quadro com a figura de Casmurro dialogando diretamente com o “leitor”).
4. Outra proposta de atividade seria propor aos alunos a questão de como eles entendem a temática da formação da personalidade e da história pessoal, a partir dos principais personagens da HQ (Bentinho, Capitu e Escobar), que conhecemos jovens e vamos acompanhando até a vida adulta. Foram eventos que ocorreram em suas vidas que definiram seus destinos ou haveria algum traço de suas personalidades que predefiniu suas escolhas desde jovens? Ou como diz o texto da obra: já estaria desde o início “a fruta dentro da casca”?
5. A intertextualidade é um elemento presente em qualquer obra, já que toda obra cita fatos exteriores a ela. A intertextualidade pode ser bastante clara (como na referência textual e visual à peça *Otelo*

© Editora Nemo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução.

de Shakespeare) ou fazer parte da contextualização da história contada (como na representação do Rio de Janeiro dos tempos do Segundo Império, através de roupas, veículos e objetos que vemos na HQ). Mas há também aquela outra intertextualidade que se forma em cada leitura, quando a leitora ou o leitor interpreta a obra segundo seus próprios pensamentos e sua visão de mundo. Uma atividade então a ser proposta aos alunos (com inspiração na HQ que acabaram de ler, que mostra um personagem narrando a própria história) é que cada um e cada uma produza um texto, uma pequena redação, contando algum acontecimento importante em suas vidas, sobre sua personalidade ou história pessoal.



Reprodução da p. 5.